

Capítulo 1

Taylor

A todos os que me chamaram forreta no passado...

Que acham de mim *agora*, idiotas?

Foi preciso poupar todos os tostões e racionar recursos durante anos para conseguir arrendar uma casa de praia verdadeiramente luxuosa durante seis dias inteiros — com o salário de professora do segundo ano. Esta joia branca e brilhante com janelas cintilantes fica na costa de Cape Cod, tem um alpendre envolvente e um passadiço direto para uma praia semiprivada. Não consigo parar de mexer os dedos dos pés com a expectativa de os enterrar na areia, enquanto o sol da Nova Inglaterra me bronzeia a pele translúcida e, o mais importante de *tudo*, o meu irmão mais novo tem direito a uma mudança de cenário para recuperar do desgosto.

Com a mala numa mão e a chave da casa pronta a ser colocada na fechadura na outra, olho para trás por cima do ombro e vejo a vida regressar ao rosto jovem do Jude.

— Caramba, Taylor. Afinal, parece que rasgares os guardanapos ao meio valeu a pena.

— Ninguém precisa de um guardanapo inteiro, se comermos com cuidado — respondo, com alegria.

— Contra factos não há argumentos. Não quando nos proporcionas esta vista. — O Jude ajusta a prancha de *surf* debaixo do braço.

— Então, quer dizer que alguém é dono desta casa e arrenda-a? Não consigo imaginar ninguém que não queira viver aqui durante todo o ano.

— Ficarias surpreendido. A maior parte das casas desta rua são arrendadas. — Aceno com a cabeça para uma casa quase idêntica do outro lado da rua estreita, com revestimento em telha e hortênsias roxas a rebentar por todo o jardim frontal. — Também vi essa, mas não tinha banheira de pés de garra de leão.

— Jesus. — Ele puxa pelo sarcasmo. — Seria quase como acampar. Deito-lhe a língua de fora por cima do ombro, paro em frente à porta e meto a chave na fechadura, rodando-a com uma sensação de excitação crescente.

— Apenas quero que tudo seja perfeito. Tu mereces umas boas férias, Jude.

— E tu, T? — questiona o meu irmão.

Mas já passei a entrada e *oh*. Oh, sim. É tudo o que o proprietário prometeu *online*, e muito mais. Janelas panorâmicas com vista para o Atlântico turbulento e uma encosta de ervas marinhas e flores silvestres a cair para o oceano safira. Tetos altos com vigas, uma lareira que se acende ao premir um botão, sofás grandes convidativos e uma decoração temática náutica de bom gosto. Há até uma pitada de algo no ar... um aroma que não consigo identificar, mas que tem um toque especial. E o melhor de tudo é que o oceano toca uma banda sonora suave, que podemos ouvir em qualquer parte da casa.

— Não me respondeste — insiste o Jude, tocando-me ao de leve nas costelas, depois de encostar a prancha à parede. — Não achas que *tu* também mereces umas boas férias? Um ano de aulas por *Zoom* com crianças a jogar *Minecraft* em segredo nas tuas costas? E depois mais um ano a dar aulas a uma nova turma e a ter de cobrir quase dois anos de matéria? Por esta altura, mereces uma viagem à volta do mundo.

Creio que mereço estas férias. *Vou* divertir-me, mas sinto-me muito mais confortável se me concentrar na diversão do Jude. Afinal, é o meu irmão mais novo e cabe-me a mim tomar conta dele. Tem sido assim desde crianças.

— Esqueci-me de perguntar se tiveste notícias da mãe ou do pai recentemente. — É uma pergunta com a qual sustenho sempre a respiração, depois de a verbalizar. — Estavam na Bolívia, da última vez que falei com eles.

— Ainda andam por lá, acho eu. No horizonte paira a ameaça de potenciais motins, então começaram a esvaziar o museu nacional, por precaução.

Os nossos pais sempre tiveram o trabalho mais estranho, no dia da carreira na escola. Oficialmente, são arqueólogos, mas é um título muito mais aborrecido do que as suas funções verdadeiras, que incluem serem contratados por governos estrangeiros para proteger e preservar a arte durante períodos de agitação civil, em que tesouros de valor incalculável podem ser destruídos. Nos dias da carreira, acabava por ser inevitável alguma criança na fila da frente comentar:

— São parecidos com o Indiana Jones — e os meus pais, que iam preparados para isso, gritavam: — Cobras! Porque é que têm de ser sempre cobras? — numa sincronia perfeita.

São pessoas tão fascinantes.

Apenas não os conheço muito bem.

Mas deram-me o maior tesouro da minha vida, que está neste momento esparramado na peça de mobiliário mais próxima, como é seu hábito, com a capacidade de se integrar sem esforço em qualquer lado a que chega de camisa de flanela e sandálias *Birkenstock*.

— Ficas com o quarto maior, está bem? — sugere ele, a meio de um bocejo, passando os dedos bronzeados pelo cabelo loiro-escuro desgrenhado. Quando vou para refutar, ele aponta para a boca e faz o movimento de um fecho, para indicar que me devo calar. — Não há discussão. Eu nem sequer pude dar-me ao luxo de contribuir para a casa. Ficas com o quarto principal.

— Mas depois de tudo o que aconteceu com o Bartholomew...

Uma sombra tolda-lhe o rosto.

— Eu estou bem. Não te devias preocupar tanto comigo.

— Quem diz isso? — Fungo, e levo a minha mala em direção à cozinha. A sério, que aroma *será* este? É como se... uma grande refeição

tivesse sido preparada na cozinha há pouco, e ainda pairam no ar o alho e as especiarias. — Faz a tua sesta que...

Rio-me baixinho, quando o ressonar dele me interrompe. O meu irmão conseguiria adormecer em cima da asa de um 747, em pleno voo. Entretanto, tenho de cumprir um ritual noturno muito específico de alongamentos, esfoliação e colocação precisa da almofada, para conseguir umas míseras quatro horas de sono. Mas talvez as ondas me adormeçam durante a nossa estada. A esperança é a última a morrer.

Com um suspiro expetante, endireito os ombros, baixo a pega da minha mala de rodinhas, para a elevar junto ao peito, e as minhas sapatilhas utilitárias de professora levam-me escadas acima. Aquela banheira de pés tem estado a chamar por mim desde que a vi *online*, soterrada em pano de fundo numa das fotografias. Não foi destacada, como deveria ter sido. No meu apartamento em Hartford, no Connecticut, apenas tenho uma cabina de duche, e eu *sonho* com banheiras. Várias das contas que sigo no Instagram são dedicadas a rituais de banho luxuosos, incluindo pessoas que comem refeições completas, enquanto submersas em água quente e bolhas. Almôndegas com esparguete, ali mesmo no meio da espuma. Não sei se alguma vez levarei o banho tão longe, mas respeito o entusiasmo.

A suíte principal é grande e convidativa, decorada mais uma vez num tema náutico, com uma paleta que consiste em cremes, brancos e azul-claros. Embora o céu estivesse limpo quando chegámos, agora as nuvens tapam o Sol, escurecendo as paredes. Silêncio. É tão silencioso. A cama convida-me a uma sesta, mas só um alerta de furacão me vai impedir de tomar o banho que tenho imaginado há semanas.

Quando entro na casa de banho, nem sequer me dou ao trabalho de tentar conter um grito quando avisto a banheira ao fundo, emoldurada por uma janela panorâmica, do chão ao teto. Deixo a minha mala do lado de fora da porta e descalço os sapatos, com um formigueiro de excitação pela coluna acima... mas aquele cheiro pungente também está cá em cima. Não é estranho? Se calhar o inquilino anterior também comia as refeições na banheira, e terá deixado algo a apodrecer por acidente.

Hum. O resto da casa está imaculado. Isto não bate certo.

Deve haver um rato, ou ratazana, morto algures dentro da parede, mas não vou deixar que isso estrague o nosso bom momento. Basta telefonar ao proprietário e pedir-lhe que envie o controlo de pragas. Uma pequena mancha, no radar geral das férias, que será resolvida num instante. O Jude nem sequer terá de acordar da sesta.

A banheira de pés acena-me do outro lado da casa de banho e já consigo ouvir o som da água a correr. Consigo ver o vapor a subir e a embaciar o vidro da janela. Talvez consiga tomar um banhinho rápido, antes de telefonar ao dono da casa por causa do cheiro.

Para experimentar, fecho a porta da casa de banho e o cheiro é significativamente atenuado.

Está na hora do banho.

Faço uma pequena dança a caminho da banheira e abro a torneira da água quente com um floreado e um suspiro, com os olhos postos na praia pouco povoada. O mais provável é que estejam todos em casa a recuperar do 4 de julho, que foi ontem. O valor da renda era bem mais barato depois do feriado e o meu popular irmão fora requisitado para vários churrascos durante o fim de semana prolongado, por isso viemos no dia cinco — uma terça-feira —, o que acabou por funcionar para os dois.

Com a banheira quase cheia, volto ao quarto para me despir e deixar a roupa dobrada em cima da cama, para depois a colocar no saco de roupa suja de viagem, assim que desfizer oficialmente as malas. Sustenho a respiração contra o cheiro e estou a voltar para a casa de banho, quando me ocorre algo importante. No *site* de casas para arrendar encontrei uma com uma série de instruções, e no topo da lista de avisos estava o seguinte: certifique-se sempre à chegada de que os alarmes de incêndio e CO₂ estão a funcionar.

— É melhor fazê-lo antes que me esqueça... — murmuro, a olhar para o teto, embora seja mais provável que os detetores estejam no corredor...

Vejo dois buracos pequenos.

Dois pequenos orifícios perfurados na sanca.

Não. Não, nem pensar. Só posso estar a imaginar.

Um arrepio percorre-me os membros despidos, e cruzo os braços sobre os seios. Sinto a minha pulsação bater nas têmporas e começo a tremer. Uma reação por ter sido apanhada de surpresa, só isso. Tenho a certeza de que é apenas o sítio onde fixaram a sanca com pregos. De certeza que não são buracos para *espreitar*. Bolas, eu sabia que andava a abusar nos *podcasts* de crimes reais. Agora tudo me parece uma situação de vida ou de morte. O início de um trabalho sinistro de *hackers* que algum agente das forças da lei acabará por apelidar como o pior que já viu nos seus vinte anos de carreira.

Não é o que acontece neste caso. Este não é um novo episódio do *Etched in Bone*.

O Keith Morrison, do *Dateline*, não irá narrar este pequeno ataque de pânico.

Esta é apenas a minha vida simples e aborrecida. Sou apenas uma rapariga em busca de um banho.

Olho em volta para procurar outros buracos daquele tamanho no perímetro do teto, mas não encontro nada. Raios. Claro que os dois buracos ficam no lado do quarto que está virado para o centro da casa. Pode haver um sótão, ou um armário, do outro lado. Hediondo. *Por favor, deixa a tua imaginação trabalhar horas extraordinárias.*

Ainda assim, já não vou conseguir relaxar, por isso fecho a água do banho num instante, com grande pesar, enrolo uma toalha em volta do meu corpo nu, e volto à zona por baixo dos buracos para os observar com cautela, como se fossem saltar e morder-me. Claro que ouvi falar deste tipo de coisas. Voyeurismo. Já toda a gente ouviu. Mas não é o tipo de problema que se espera ter numa propriedade à beira-mar, que custou um mês de ordenado. Não podem ser buracos para espreitar. Nem pensar. É apenas um defeito na madeira. Assim que o confirmar, vou estar submersa em água quente até ao pescoço e as férias perfeitas podem então começar sem falhas.

Antes de me permitir assustar, aventuro-me no corredor fora do quarto e abro o armário adjacente, e liberto um suspiro reprimido quando não encontro ninguém a espreitar lá dentro. Embora... também não

encontre orifícios. Não neste armário mais próximo. Mas vejo um painel removível na parede partilhada com o quarto. Uma conduta?

Sinto a pele cada vez mais arrepiada.

A casa estava tão silenciosa e escura quando chegámos? Já nem sequer consigo ouvir o Jude a ressonar. Apenas o pingar distante da torneira da banheira. Pinga. Pinga. E o som da minha respiração, que continua a acelerar.

— Jude? — chamo-o, a minha voz soa como uma cortina a rasgar-se no silêncio total. — Jude? — repito, mais alto.

Passam alguns segundos. Silêncio.

Depois, os passos de alguém a subir as escadas. Porque é que tenho a boca seca? É apenas o meu irmão. Mas quando bato com as costas na parede, percebo que me estou a acobardar, o meu instinto de lutar ou fugir prepara-me para correr para o quarto e trancar a porta. Se acontecer o quê? Se alguém, que não o meu irmão, estiver a subir as escadas? Em que raio de filme de terror é que eu penso que estou metida? *Acalma-te.*

Os meus pais infiltram-se em motins para salvar obras de arte em nome da preservação da história. Parece-me óbvio que a coragem não é uma característica hereditária. Bastam dois buraquinhos numa sanca para fazer o meu coração palpitar. Ainda mais do que o primeiro dia de aulas presenciais com uma turba de alunos do segundo ano, e que estiveram fechados durante um ano com atividade física limitada.

Não podias ser mais patética, Taylor?

Se precisasse de alguma prova de que — aos vinte e seis anos — a minha vida é demasiado segura e previsível, aqui está. Uma chave inglesa no motor, e o meu ser orientado para a rotina fica pronto a destruir-se.

Deslizo para o chão encostada à parede quando vejo o rosto bocejante do Jude.

— Que se passa?

Engulo o nervosismo e faço um gesto vago para o armário.

— É possível que eu seja louca, mas há dois buracos perto do teto do quarto. E acho que correspondem àquela conduta ali em cima.

O Jude já está acordado.

— Tipo buracos para espreitar?

— Sim. — Faço uma careta. — Ou posso estar apenas a imaginar coisas.

— Mais vale prevenir — murmura ele e leva-me para o quarto. Com as mãos na cintura, observa os buracos durante um longo momento, e depois olha-me nos olhos. E é nessa altura que sinto um arrepio gelado na espinha. Ele tem uma expressão desconfiada. Não provocadora, como eu esperava.

— Mas que raio?

— Muito bem. — Solto um suspiro algo irregular. — Não te estás a rir, nem a apontar alguma falha na construção, como esperava que fizesses.

— Não, mas vamos fazer um ponto de situação, T. Se isto são buracos para espreitar, ninguém os está a usar agora. — Ele regressa ao corredor e coloca-se a meu lado. Ficamos os dois a olhar para a conduta. — Mas nenhum de nós vai conseguir relaxar até termos a certeza, certo?

Solto um gemido, com as visões do meu banho a dissiparem-se como feixes de fumo.

— Devemos chamar a polícia?

Ele pondera na minha pergunta totalmente irracional. Pondera mesmo, acariciando a barba no queixo. Esta é uma das razões pelas quais gosto tanto do Jude. Somos irmãos e, como é natural, tivemos a nossa quota-parte de brigas e gritos ao longo dos anos, mas ele faz sempre parte da minha equipa. É um dado adquirido. Não me acusa de ser louca. Leva-me a sério. As coisas que são importantes para mim têm para ele uma igual importância, e farei sempre, sempre, tudo o que puder para lhe facilitar a vida, tal como ele fez por mim, na ausência quase constante dos nossos pais.

— Acho que vou tirar aquele painel e dar uma vista de olhos — diz ele, por fim.

— Não gosto disso. — O Jude pode ter agora mais de um metro e oitenta, e ser um homem adulto de vinte e três anos, mas será sempre o meu irmão mais novo, e dá-me náuseas só a ideia de o ver confrontar

um possível mirone debaixo da minha asa. — No mínimo, devíamos ter uma arma à mão.

— Preciso de te relembrar que fiz jiu-jitsu durante seis meses?

— Preciso de *te* relembrar que só aguentaste esse tempo porque estive à espera que o instrutor acabasse com o namorado?

— Eles andavam claramente tremidos.

— Tenho a certeza de que as tuas covinhas ajudaram a acelerar o processo.

— Tens razão — concorda ele, com um sorriso intencionalmente sinistro. — Elas são uma verdadeira arma.

Abano a cabeça, mas felizmente os meus arrepios acalmaram.

— Muito bem. — Ele bate as mãos. — Vamos dar uma olhadela rápida e rezar para não encontrarmos um frasco de unhas, ou uma treta assim.

— Ou uma *GoPro* — murmuro, e encosto-me à parede, com as mãos a cobrir a cara.

Pelos intervalos dos dedos, observo-o a entrar no armário, a esticar a mão para cima e afastar o painel, que revela um pequeno espaço. Muito pequeno. No entanto, de imediato a luz do dia entra pelos dois orifícios, e é impossível ignorar o facto de que têm a largura exata de um par de olhos normal, além de que dão diretamente para o quarto. Servem para espreitar. De certeza.

— Oh, céus. Que nojo. Há alguma coisa... ou alguém lá em cima?

O Jude agarra-se à borda da conduta e dá um impulso rápido para cima.

— Não. Nada. — Volta a descer. — Teria de ser alguém minúsculo para caber ali em cima. Ou muito flexível. Portanto, a menos que os poderes de dedução me falhem, o mirone é ginasta.

— Ou uma mulher pequena? — Trocamos um olhar cético. — Certo, não encaixa muito no perfil de mirone, pois não? — Ajeito a toalha para cima, aperto-a sob as axilas. — Então, o que fazemos?

— Envia-me o contacto do proprietário. Eu telefono-lhe.

— Oh. Não, eu ligo-lhe. Não quero que isto atrapalhe as tuas férias. Vai dormir a tua sesta.

Ele já vai a caminho das escadas.

— Envia-me isso, T.

Por alguma razão, continuo a não querer ficar sozinha com os buracos, por isso corro atrás dele de toalha.

— Está bem. — Mordo o lábio. — Acho que vou procurar um banco e fita adesiva para tapar os buracos.

Ele pisca-me o olho.

— Para o caso de o mirone ser um fantasma?

— Oh, claro. Agora é engraçado, mas assim que escurecer, um mirone fantasma tornar-se-á uma possibilidade muito realista.

— Podes ficar no outro quarto, se quiseres. Não me importo de ser espiado pelo Casper.

Vou a rir-me quando chegamos ao fundo das escadas, e nos dirigimos para a cozinha, onde fica a porta da lavandaria.

— Provavelmente ias gostar — comento.

— Andaste outra vez a ler o meu diário?

Quando abro a porta da lavandaria, estou de tal forma divertida com o meu irmão que, à primeira vista, nem acredito no que vejo. Só pode ser uma brincadeira. Ou uma cena digna de um ecrã de televisão, a passar uma reconstituição horrível de um documentário de crimes reais da Netflix. Não é possível estar um homem grande e morto enfiado entre a máquina de lavar e a de secar, com a cara roxa cheia de nódoas negras e olhos vidrados e sem vida. E ali, mesmo no centro da testa, tem um buraco de bala preto e preciso. Isto não pode estar a acontecer. Mas a bília que me sobe pela garganta é real. Tal como o gelo que me endurece, da cabeça aos pés, e o grito que congela na minha garganta. Não. Não, não, não.

— Taylor? — O Jude aproxima-se, preocupado.

Por instinto, tento afastá-lo. O meu irmão mais novo não devia ver coisas destas. Tenho de o poupar a isto. Infelizmente, as minhas mãos revelam-se ineficazes e, antes que eu consiga reunir forças suficientes para o impedir de sondar a lavandaria, ele já está ao meu lado. Depois puxa-me vários metros para trás, enquanto grita:

— Mas que merda?

UMAS FÉRIAS DE MORRER

Instala-se um silêncio sinistro. A imagem não desaparece. Ele ainda está ali. Continua morto. Há qualquer coisa vagamente familiar no homem, mas estou tão a tremer e a tentar não vomitar, que me absorve toda a concentração. *Oh, céus, oh, céus*, o que está a acontecer? Isto não é uma brincadeira?

— Muito bem — sussurro. — A... *agora* acho que devíamos chamar a polícia.



Capítulo 2

Taylor

Estou embrulhada num cobertor, mergulhada no brilho de luzes azuis intermitentes. Isto não devia acontecer na vida real. Estou presa num episódio de *Etched in Bone*. Sou a transeunte inocente que tropeçou na cena macabra. Claro que os anos de terapia de que vou precisar para recuperar nem sequer serão mencionados nas notas do programa. Os apresentadores não irão pronunciar o meu nome corretamente. Mas eu? Duvido que alguma vez esqueça a visão daquele homem assassinado, enquanto viver.

A não ser que... talvez tudo isto seja um pesadelo muito vívido.

Não. Vejo mesmo um saco preto enorme a ser transportado para fora da casa pelos médicos legistas. Para fora do *local do crime*, enquanto eu e o Jude assistimos a tudo de queixo caído. Tentamos concentrar-nos no que o agente da polícia diz, sentado na mesa de centro à nossa frente, mas já é a terceira vez que lhe damos os nossos testemunhos. Não mudou um único pormenor. E agora que a adrenalina de descobrir uma vítima de homicídio começa a passar, só me apetece sair daqui para fora.

— Só pode ter sido assassinado, certo? — questiono, sobretudo para mim mesma. — Ele não podia ter dado um tiro na testa daquela maneira.

— Não — admite o agente, um homem de quarenta e poucos anos, de nome Agente Wright, que tem uma semelhança impressionante

com o Jamie Foxx. De tal forma que tive de olhar duas vezes quando entrou pela porta da frente. — É quase impossível.

— Então o assassino... ainda anda por aí — conclui o Jude. — Talvez até na casa ao lado.

O agente suspira.

— Bem, sim. Há outra possibilidade. E que torna o nosso trabalho bastante difícil. Quase todas estas casas são arrendadas no verão, o que significa que não são residentes locais. Pode ser qualquer pessoa, de qualquer lado. Um visitante de um visitante de um visitante. Esses *sites* de arrendamento, como o *StayInn.com*, tornaram-se um incómodo do raio. Sem ofensa.

— Não ofendeu — respondo de forma automática, com os olhos postos na última fração do saco do cadáver que desaparece pela porta da frente. É então que compreendo. O motivo pelo qual o homem me parecia tão familiar. — Ele era o dono desta casa. Oscar. Agora lembro-me. — Pego no meu telemóvel. — A fotografia dele está na pág...

O agente pouisa a mão sobre a minha, para me deter.

— Já sabemos que ele é o proprietário. Na verdade, sabemos muito bem que vivia cá.

Um outro agente da polícia passa e pigarreia ruidosamente.

De imediato, o Agente Wright fecha a boca.

Assim que o outro homem sai da casa, eu e o Jude inclinamo-nos para ele quase em simultâneo.

— Que quer dizer com isso? — pergunta o Jude. — Que sabe muito bem que ele vivia cá?

O Wright olha por cima do ombro, suspira, e finge estar a escrever algo no bloco de notas.

— Alguém do *StayInn.com* devia ter entrado em contacto convosco. Há muito que lhes reportámos toda esta situação. Nunca deviam ter permitido que viessem para aqui.

— Espere, mais devagar. — O Jude passa uma mão pelo rosto, a tentar dar sentido à informação. — A que situação se refere?

— Há umas noites, fomos chamados devido a um distúrbio doméstico. — O agente fala num tom tão baixo, que obriga a que nos inclinemos

ainda mais para percebermos as suas palavras. Neste momento, quase consigo contar-lhe os pelos da barbicha. — Fomos alertados por um dos inquilinos da rua. Relatou gritos. Estrondos fortes. — Ele batuca com a caneta na coxa, e espreita de novo em redor. — Acontece que um grupo de raparigas estava a arrendar a casa e deparou com os orifícios no andar de cima...

— Oh, meu Deus! — Bato com a palma da mão na testa. — Esqueci-me dos orifícios.

— Ficaste bastante distraída — lembra o Jude, e dá-me umas palmadinhas nas costas, mas mantendo a atenção no agente. — Quer dizer que não fomos os primeiros a descobrir esse pequeno bónus?

O Wright abana a cabeça.

— A rapariga que os encontrou ligou ao pai. Um camionista grande, daqueles de longo curso. Bem, ele apareceu, furioso como o diabo, como é compreensível, mas, em vez de chamar a polícia, pediu à filha que ligasse ao dono, para o trazer até cá. O pai ainda lhe deu uns murros, antes de chegarmos para acabar com aquilo. As raparigas concordaram em não apresentar queixa, desde que fossem reembolsadas e não fossem apresentadas queixas de agressão contra o pai. Mas o *StayInn.com* foi contactado pela polícia de Barnstable. Vocês deveriam ter sido informados.

— Pois, devíamos. — Na minha cabeça, já estou a escrever um *e-mail* severo para o *StayInn.com*. Pode até incluir algumas palavras-chave, como *trauma emocional e aconselhamento jurídico... e crédito em conta*. — Elas chegaram a apanhar o Oscar a espreitar pelos orifícios?

— Não. — O Wright ruma a parte seguinte antes de a cuspir. — Mas havia uma câmara. Montada num tripé.

Sem olhar para o meu irmão, sei que os nossos rostos mostram uma repugnância idêntica.

Sacudo o arrepio que sinto ao saber que um homem andou a espiar mulheres ilegalmente nesta casa — na mesma casa onde eu estava prestes a ficar seis dias — e volto a procurar uma explicação.

— Creio que a altercação com o pai zangado explica as nódoas negras na cara do Oscar, mas não foi um dos pais daquelas raparigas

que o *assassinou*, certo? O Oscar estava vivo quando toda a situação foi resolvida?

O Wright encolhe os ombros.

— O meu tenente é da opinião que, depois de tudo o que foi dito e feito, o pai ainda ficou acelerado. E voltou para terminar o assunto. O dono da casa leva uma tarefa de um suspeito, e acaba por ser morto por outro? Na mesma *semana*? Não. Não acreditamos em coincidências. Não assim tão grandes.

— Pois, exceto...

Mas há algo neste cenário que me incomoda. Que não assenta bem. E eu devia mesmo, mesmo, parar de tentar encaixar tudo por ordem, quando nada disto está ordenado ou arrumado, mas sempre tive dificuldade em deixar *puzzles* inacabados. No entanto, normalmente os meus *puzzles* vêm com cinco mil peças, não com orifícios de mirone e ferimentos de bala.

Ainda assim, a minha natureza curiosa é a única coisa que herdei dos meus pais. É certo que não nasci com um grama da coragem deles. Algo que lamentaram várias vezes ao longo dos anos, com palmadinhas condescendentes na minha mão e sorrisos forçados.

Cá está a nossa pequena professora. Sempre a jogar pelo seguro.

O Jude andou a surfar na Indonésia. Fez paraquedismo no Montana. Trabalha num santuário de animais, principalmente com os pandas, mas por vezes *alimenta leões*. Há um vídeo dele na Internet a acariciar um dos grandes felinos. Tipo, a rebolar na relva com a criatura gigante, enquanto se ri e esfrega a juba do leão. Quase caí morta quando alguém me enviou a imagem por *e-mail*. Claro que ninguém pensou sequer em consultar a irmã mais velha do Jude sobre toda aquela situação perigosa, mas *já não* estou tão chateada com isso. Quase nada.

Por isso, tudo bem. Coragem não é algo que tenha em grandes quantidades. Estas férias são uma das coisas mais aventureiras que fiz nos últimos tempos. Tive mesmo de morder uma almofada quando cliquei para confirmar a reserva. Mas alguma coisa se passou dentro de mim quando entrei na lavandaria e vi o pobre Oscar a olhar fixamente para o vazio.

Ou melhor... não aconteceu *nada*.

O mundo não acabou, apesar das circunstâncias aterradoras.

Mantive-me de pé, ali mesmo, firme com os meus próprios pés. Talvez agora... sinta curiosidade para saber o que mais consigo fazer. Talvez esteja curiosa para perceber se consigo ajudar. Ser corajosa, como os meus pais e o Jude. Ou os apresentadores do *Etched in Bone*, que mergulham nos casos de homicídio das pequenas cidades que investigam, e fazem as perguntas difíceis. Conseguirei ser corajosa como eles? Serei mais corajosa do que sempre pensei?

O júri ainda não decidiu, mas *é verdade* que tenho uma superforça que consiste em pensar demasiado em tudo. Que é o que estou a fazer neste momento. A roer os factos... e a encontrar falhas no enredo. Talvez esse trabalho não me diga respeito, talvez devesse concentrar-me em encontrar outro sítio para ficarmos, mas não consigo deixar de me sentir pessoalmente envolvida, visto ter sido eu quem descobriu o corpo do Oscar. Fui eu que o encontrei. E, embora pareça uma loucura, sinto uma certa responsabilidade em culpabilizar o assassino e em completar este *puzzle*. Não me sinto capaz de deixar todo este suplício para trás, até que os factos estejam devidamente esclarecidos.

— Agente Wright...

Um gemido de dor faz estremecer as janelas, seguido de um grito de negação.

— Não! O meu irmão não! *Oscar?* Oscar!

Eu e o Jude pestanejamos um para o outro e viramo-nos para a porta da entrada aberta. Junto às portas, também abertas, da ambulância, uma mulher cai nos braços de um técnico de emergência médica, com a cabeça caída para trás, num uivo de angústia. Uma voz estala no rádio preso ao ombro do Wright.

— Sim, temos aqui a irmã da vítima. Alguém pode chamar a assistente social?

— Oh, não. — Sinto um ardor na ponta do nariz e agarro-me com força por instinto ao braço do Jude. — Aquela pobre mulher. Acabou de perder o irmão. Consegues imaginar o que está a sentir?

O agente à nossa frente grunhe.

— É provável que venha a sentir-se muito diferente, assim que descobrir o que ele tem andado a fazer.

— Confusa, talvez. Mas ainda assim triste — murmura o Jude, recostando-se nas almofadas, visivelmente exausto. Pobre bebé, nem chegou a acabar a sesta. Tenho de lhe arranjar uma cama segura para esta noite.

— Sim — concordo com ele. Ao Wright, pergunto: — Tem a *certeza* de que o Oscar é o mirone? Os orifícios...

Sou de novo interrompida quando a mulher chorosa se arrasta para o interior da casa. Usando a parede para se apoiar, dá um passo para dentro da sala de estar, seguido de mais dois, e cai debilitada no sofá à nossa esquerda. Sinto os olhos cheios de água, quase a derramar, só de imaginar a sua dor. Se eu perdesse o meu irmão, não saberia distinguir o certo do errado.

— Lamento muito pela sua terrível perda — ofereço os meus pêsames. Ela desliza a atenção para mim e...

Não é com *intenção*. Mas reparo que tem os olhos secos.

Toda a gente vive o luto de forma diferente. Ligando para a Amanda Knox. Não estou a julgar. Estou apenas a fazer uma anotação mental descontraída, e nada crítica. Um gato conseguiria prosperar naquelas faces áridas.

— Importa-se de me dizer o seu nome, minha senhora? — solicita-lhe o Wright.

— Lisa. Lisa Stanley. — Ela olha para mim e para o Jude com um olhar cético. — Quem são vocês?

— O meu nome é Taylor Basse. Este é o meu irmão, Jude. Estamos aqui hospedados. Ou melhor, devíamos estar. Mas... encontrámos o Oscar, pouco depois de chegarmos.

— Oh. Bem, lamento imenso que o meu irmão morto vos tenha estragado as férias — dispara ela. Antes que a possa assegurar de que não nos estamos a queixar, ela muda de expressão. — Desculpa, é que... não quero ser indelicada. Só não acredito que isto esteja a acontecer. Dizem que ele foi baleado! Quem é que dispararia contra

o meu irmão? Ele não tem maldade nenhuma no corpo. Não tem inimigos...

Ninguém diz nada. Mas é óbvio que o Wright faltou aos treinos de *bluff* na academia, porque parece pronto a explodir.

— Que foi? — questiona a Lisa, de costas direitas. — Que se passa?

Segue-se a conversa mais desconfortável do mundo, enquanto o Wright lhe conta sobre o confronto com o pai da inquilina, provocado pelos orifícios e pela câmara. Quando termina a explicação dos pormenores, a Lisa fica a olhar para o vazio.

— Porque é que ele não me disse que tinha sido espancado?

— Talvez por vergonha, tendo em conta as circunstâncias. — Com um suspiro, o Wright entrega-nos um cartão de contacto e levanta-se. — Mantenham-me informado, caso se lembrem de mais alguma coisa. Se estiverem à procura de um sítio para passar a noite, há um *DoubleTree* em Hyannis. A piscina é decente.

— Obrigado — agradece o Jude, e aceita o cartão. Assim que o Wright sai pela porta da entrada, o meu irmão levanta-se. — Vou ligar para o *DoubleTree*.

— Não é necessário — interrompe depressa a Lisa, mas parece algo perdida. Ao ver-nos na expectativa em silêncio, ela procura dentro da sua mala e tira um grande conjunto de chaves amontoadas num anel. — O meu irmão tem mais três casas para arrendar neste quarteirão. Eu trato-lhe da planificação da manutenção. Inspeciono as instalações antes da chegada de novos inquilinos. Etcétera. Devia fazê-lo nesta casa, mas atrasei-me, caso contrário teria sido *eu* a encontrá-lo. — Ela deixa escapar um longo suspiro. — Ele é... *era*... bastante desligado do negócio. Um tipo normal. Ganhava a vida a entregar correio, antes de se meter no ramo imobiliário. Sabe Deus como o meu irmão era preguiçoso. Gostava de delegar. É por isso que... — Abana um pouco a cabeça. — Não faz sentido. O Oscar não *espiava* ninguém.

— Não. Não faz sentido — desabafo, sem me conseguir conter.

— Taylor — repreende o Jude pelo canto da boca. — Mete o pé no travão.

— É o irmão dela — segredo de volta. — Eu queria saber tudo.

— Eu amo-te, mas, por favor, não te envolvas numa investigação de homicídio.

— Não me estou a envolver. Estou apenas a transmitir alguns pormenores.

— Envolvimento clássico.

A Lisa senta-se à nossa frente na mesa de centro, ocupando o lugar onde o Wright se sentava. Com os cotovelos nos joelhos, inclina-se para a frente e, de perto, consigo ver as semelhanças físicas que partilha com o Oscar. Ambos na casa dos cinquenta. Narizes ligeiramente convexos. Testa alta. Cabelo grisalho. Mas a Lisa é mais para o pequeno, enquanto o irmão era...

— Demasiado grande. O Oscar era demasiado grande para caber naquela conduta.

O radar da Lisa fica em alerta.

— A conduta onde encontraste os orifícios?

— Essa mesma. — Ignoro o gemido de protesto do Jude. — Não vejo forma de ele conseguir chegar lá acima.

— Ele podia ter usado um escadote, T. — O meu irmão junta-se à conversa, com alguma relutância, e acrescenta: — Hipoteticamente, claro — em consideração pela Lisa. — Teria sido muito fácil fazer os furos de ambos os lados. E não *precisava* de entrar na conduta. Apenas de deslizar a câmara para a posição certa.

— Sim. Se a intenção dele nunca foi espreitar pelos buracos. — Por um instante fugaz, sinto-me como a Olivia Benson do *Lei & Ordem: Unidade Especial*. Só me falta o sobretudo, os olhos castanhos insondáveis e o Stabler a meu lado, com aquele ar taciturno e sedutor. — Porque terá feito *dois*? — Divido um olhar entre o meu irmão e a Lisa. — Aqueles furos foram perfurados com o objetivo claro de alguém espreitar. Se o Oscar, hipoteticamente, apenas quisesse filmar os hóspedes, só precisava de um. Não de dois.

Por um instante, o Jude olha concentrado para as mãos.

— Tens razão. No mínimo, é estranho.

— Estão a dizer que quem fez aqueles buracos é pequeno o suficiente para caber na conduta — raciocina a Lisa, devagar, e começa a acenar com a cabeça. — Uma mulher, talvez?

Não penses no facto de ela ainda não ter chorado. Nem uma gota.

— Talvez.

O Jude começa a sentir uma vibração estranha. Dou por isso porque percebo que não para de ajeitar a zona mais desgrenhada do cabelo no topo da cabeça, como costuma fazer.

— Devíamos ligar para o *DoubleTree*, Taylor. Tenho a certeza de que a Sra. Stanley tem muitas chamadas para fazer...

— A polícia já tem tanta certeza de que foi o pai da última hóspede — comenta a Lisa, a olhar pela janela para onde se agruparam os agentes, na entrada da propriedade. — E sejamos honestos, eles nunca farão grandes esforços por alguém que acreditam ser um tarado, certo? — Quase consigo ver todas as engrenagens a trabalhar por trás dos seus olhos. — Talvez deva procurar um detetive privado. O meu namorado está destacado, mas cresceu com um tipo em Boston. Um antigo detetive, que se tornou caçador de recompensas. Alguém que pudesse contestar a polícia local, e talvez limpar o nome do meu irmão.

Estão a ver? Todos sofremos à nossa maneira.

Eu choro. A Lisa vinga os seus entes queridos.

Moral da história: toda a gente é mais corajosa do que eu.

— Acho que um detetive privado não faria mal nenhum — concordo, e levanto-me do sofá, deixando o cobertor deslizar-me dos ombros, finalmente com pena do Jude. — Uma vez mais, Lisa, lamento imenso a tua perda. — Estendo-lhe a mão para a cumprimentar. — Gostava que nos tivéssemos conhecido em circunstâncias melhores.

Ela puxa-me para um abraço.

— Deste-me esperança, Taylor. Obrigada. Não quero que ele seja recordado como um sacana. Vou descobrir o que aconteceu de verdade. — Sinto algo frio e metálico ser-me passado para a mão e baixo o olhar para confirmar que se trata de um molho de chaves. — É só descer a rua. Número sessenta e dois. Eu insisto.

Tento devolver-lhe as chaves.

— Oh, não podemos mesmo...

— Tens a certeza? — Ela agita as sobrancelhas. — Tem uma banheira de pés de garra.

Será que tenho algum sinal pendurado, ou algo do género?

— Oh — digo baixinho. — A sério?

Jude baixa a cabeça por um momento, depois dirige-se com relutância para as malas.

— Disse número sessenta e dois?

Quando vou a sair da casa, paro no móvel da entrada à porta.

Enquanto lia os comentários sobre a casa, vi fotografias de um livro de visitas. Claro que isto faz de mim uma palerma completa, mas estava ansiosa por escrever a nossa mensagem numa das páginas, para ser lida por futuros hóspedes. Iria desenhar uma lula nas margens.

Abro a gaveta do móvel e vejo o livro de couro branco com letras douradas em relevo. *Experiências de hóspedes*. Não sei bem o que me leva a pegar nele. Nem a metê-lo depressa na mala e tapá-lo com as toalhetas desinfetantes para as mãos e o estojo dos óculos de sol, ao mesmo tempo que ignoro o abanar de cabeça do Jude. Talvez me tenha surpreendido a mim mesma com toda a minha racionalidade desta noite, depois de ter descoberto um corpo... e quero saber como posso contribuir mais. Se tenho o que é preciso para resolver um mistério, e encontrar a coragem que sempre me faltou. Ou talvez duvide da motivação da polícia para investigar este homicídio, além da teoria original. E, sejamos francos, a falta de emoção da Lisa não para de mexer com o meu sexto sentido. Nem sequer sabia que *tinha* um sexto sentido.

Seja qual for a causa do meu roubo improvisado de provas, devolverei o livro amanhã, depois de dar uma espreitadela. Nada de especial, certo?